

Contribuições da programação neurolingüística no contexto educacional

Contribuciones de la Programación Neurolinguística en el Contexto Educacional

Roges Ghidini Dias ^(a); Jair Sérgio dos Passos ^(b)

^(a) Educador Físico, mestrando em Ciências do Movimento Humano - UDESC/SC, aluno do Curso de Especialização em Docência em Saúde - CBES/RS;

^(b) Professor, doutorando em Administração de Empresas - European University/Suíça, Professor do Curso de Especialização em Docência em Saúde - CBES/RS.

Resumo

Este artigo tem por objetivo elucidar algumas contribuições que a Programação Neurolingüística (PNL) pode exercer nas relações humanas, e de modo específico, no contexto educacional. De fato, a Escola percebe de perto o reflexo de uma inércia educacional oriunda de seus alunos como resposta a uma atuação docente ineficaz e cada vez mais tecnicista. A grande preocupação por parte dos educadores, com relação às dificuldades de acompanhar e lidar com um novo perfil de adolescentes e jovens num mundo onde o desinteresse pelo estudo cresce em proporções geométricas, se faz necessária e conta com um auxiliar de grande valor para o desenvolvimento dessa grande missão, a PNL.

Palavras- Chave: Educação. PNL. Níveis Lógicos de Aprendizagem. Professores.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo aclarar algunas contribuciones que la Programación Neurolingüística (PNL) puede ejercer en las relaciones humanas, y de modo específico, en el contexto educacional. Efectivamente, la Escuela percibe de cerca el reflejo de una inercia educacional oriunda de sus alumnos como respuesta a una actuación docente ineficaz y cada vez más tecnicista. La grande preocupación por parte de los educadores, con relación a las dificultades de acompañar y manejar un nuevo perfil de adolescentes y

jóvenes en un mundo donde el desinterés por el estudio crece en proporciones geométricas, se hace necesaria y cuenta con un auxiliar de gran valor para el desarrollo de esa grande misión, la PNL.

Palabras-Clave: Educación. PNL. Niveles Lógicos de Aprendizaje. Profesores.

INTRODUÇÃO

A Programação Neurolingüística (PNL) é o estudo da estrutura da experiência subjetiva das pessoas. Estuda como a mente funciona e a maneira de usar a linguagem mental para obter resultados pessoais e profissionais. A PNL tem sido percebida como um sofisticado processo educacional, pois permite às pessoas aprenderem a usar seu cérebro e suas palavras de maneira ativa, a comandar suas ações e reações e a identificar padrões que influenciam o comportamento das pessoas no sentido de ajudá-las a efetuar mudanças em todos os sentidos (BANDLER, 1993).

A PNL tem sido aplicada com bastante sucesso também no campo educacional, pois simboliza, entre outras coisas, uma maneira de se aprofundar no aprendizado humano. É um novo e sofisticado instrumento utilizado no processo educacional e desde sua criação foram desenvolvidas diversas formas de ensinar às pessoas como usarem seu cérebro com o intuito de atingir consistentemente os resultados desejados e específicos. Tendo em vista sua característica de ciência aplicada, pode-se usar a PNL em todas as áreas em que a comunicação humana (educação, relações públicas, etc.) e o comportamento (psicologia) estejam em evidência.

A utilização da PNL como um recurso que permeia o conhecimento transmitido pelo professor para os alunos tem sido de grande valia. A Programação Neurolingüística (PNL) surge, nesse contexto como uma opção para os educadores no intuito de otimizar as aulas e garantir o aprendizado. Para tanto, este artigo se propõe a realizar uma reflexão sobre as possíveis contribuições da PNL no contexto educacional, com o intuito de fornecer uma gama maior de recursos ao profissional das áreas da educação.

O que é a PNL?

O nome Programação Neurolingüística é puramente descritivo. Programação se origina da informática e sugere que nossos pensamentos, sentimentos e ações são uma espécie de “*software* mental”. Neuro está relacionado ao nosso sistema nervoso e aos caminhos mentais que envolvem os cinco sentidos: visão, audição, tato (proprioceptivo), olfato e paladar. Lingüística refere-se à estrutura da linguagem verbal e não-verbal das pessoas e, principalmente, à identificação e ao uso de padrões lingüísticos através dos quais nossas representações neurais são ordenadas, a fim de melhorar a comunicação intra e interpessoal e assim produzir as mudanças desejadas (ANDREAS; FAULKNER, 1995).

A PNL permite que as pessoas aprendam a explorar de modo eficiente sua capacidade cognitiva de maneira ativa, a comandar suas ações e reações e a identificar padrões que influenciam o comportamento dos sujeitos, de modo a ajudá-los a efetuar mudanças radicais em diversos sentidos (BANDLER, 1993). Nota-se sua aplicação com muita eficácia no campo educacional, pois simboliza, entre outras coisas, uma maneira de se aprofundar no aprendizado humano, de modo que as pessoas possam atingir consistentemente os resultados desejados e específicos através da quebra de paradigmas relacionados a algumas crenças limitantes do sujeito.

As primeiras pesquisas surgiram na década de setenta com Richard Bandler e John Grinder. A expansão da PNL no mundo, inclusive no meio acadêmico onde havia restrições, é fruto de seus trabalhos incessantes na vanguarda dessa técnica.

Bandler partiu da idéia de que, ao contrário do estudo objetivo dos fatos, o ser humano é mais influenciado pelas experiências subjetivas. Suas práticas eram feitas na forma de “jogos mentais” e, de modo muito simples e rápido, ajudavam as pessoas a realizar mudanças, que nas terapias convencionais evoluíam lentamente, causando por vezes até mesmo a desistência do tratamento por parte dos pacientes. O que realmente impressionava os participantes era a possibilidade de checar o resultado

imediatamente, facilitando o acesso aos seus próprios recursos que estavam adormecidos (BANDLER, 1993).

Outro aspecto interessante do início da PNL era a forma com que Bandler e Grinder desmistificavam e desmontavam certos paradigmas relacionados ao cérebro humano, mostrando às pessoas uma maneira de empregar o cérebro, beneficiando-se com suas mudanças de um modo global e funcional através do equilíbrio e da harmonia consigo mesmo e com o ambiente. Tratavam as pessoas de forma simples e até irreverente, levando-as a acreditar que seus problemas em muitas vezes não eram do tamanho que acreditavam ser.

Desde o início, um conjunto de pressupostos vem orientando todo trabalho com a Programação Neurolingüística. Alguns foram desenvolvidos pelos precursores da PNL e outros se desenvolvem à medida que as técnicas se inserem nas mais diversas esferas da sociedade.

- ***Cada indivíduo tem seu modelo de realidade*** – Spritzer (1994) lança mão de metáforas quando se refere ao fato de que “o mapa não é o território”. Segundo o autor, os seres humanos não têm contato direto com a realidade e sim com um modelo de realidade que é formado pelos órgãos dos sentidos (auditivo, cinestésico, visual, etc.), os quais chama de “Sistemas Representacionais”.

De fato, os indivíduos escolhem o melhor comportamento baseado em seus modelos de mundo. Existe uma tendência das pessoas se comportarem da melhor maneira possível com os recursos que possuem, a fim de atender a pelo menos uma intenção positiva (GRINDER, 1989).

- ***Com os erros pode-se aprender muito*** – Dentro de um contexto educacional, Dilts (1999) corrobora com Grinder (1989) quando dizem que a maneira como um indivíduo encara os resultados é que vai determinar o sucesso de seus projetos e ações.

Está relacionado à verificação do progresso e dos ajustes que precisam ser feitos para se chegar ao resultado desejado. São com os erros que se aprende a fazer melhor da próxima vez. Somente dessa forma, as

possibilidades de fazer o certo nas próximas vezes serão maiores que uma possível reincidência no erro.

- ***Se algo é possível para alguém no planeta, também é possível de ser aprendido*** – Dilts e Epstein (1995) vão além quando citam que qualquer coisa pode ser aprendida se for abordada de maneira correta. Um dos grandes empecilhos ao aprendizado são as crenças limitantes. São as crenças rígidas a respeito de nós mesmos e dos outros que muitas vezes imobilizam o ser humano. Diante de algumas dificuldades, principalmente de aprendizado, pode-se dar um salto de qualidade na vida quando rompemos limites e enfrentamos desafios. Na formação de professores, a citação dos autores é bastante pertinente, pois permite aprender a aprender (DEMO, 2004).

A afirmação de Demo (2004) se baseia no fato de que na cena escolar, onde o conhecimento é transmitido de maneira unilateral, a preservação desse método compromete o aprendizado e os resultados tendem a serem os mesmos até então obtidos, sem agregar valores ao processo educativo. O ato de prestar atenção às formas de expressão dos alunos é de suma importância, uma vez que tende a fomentar o conhecimento do próprio educador. Desse modo, o mesmo adquire um maior domínio da situação necessário para poder enfrentar as adversidades em sala de aula.

- ***Qualquer coisa pode ser aprendida se for abordada de maneira adequada*** – Conforme Dilts e Epstein (1999), tudo que for dito na hora certa e da forma adequada vai ter um efeito melhor do que a coisa certa na hora errada ou a coisa certa dita de forma errada, mesmo que na hora certa. Um dos maiores obstáculos ao aprendizado tem sido a falta de habilidade em ensinar. Inclui-se nessa falta de habilidade o fato de que a quantidade ou o escopo do material é grande demais para o aluno. Aprender como dividir o material ou o conteúdo em tamanhos menores torna a tarefa de ensinar mais viável, entre outras coisas.

- ***Se continuar a ser feito o que sempre se fez, os resultados tendem a ser os mesmos*** – Toda vez que os procedimentos se repetirem, os resultados serão semelhantes. A partir do momento em que o resultado não

for satisfatório, o ideal é que se proceda de modo diferente da próxima vez (SPRITZER, 1994).

- **Os valores de um indivíduo podem ser constantes, enquanto seu comportamento pode mudar** – Spritzer (1994) salienta que esse pressuposto ajuda a olhar as pessoas além daquilo que demonstram com sua atitude ou comportamento e a valorizar mais o ser humano que está por trás de um comportamento que muitas vezes não agrada. Ir além das aparências pode ser a chave de todo o relacionamento humano.

- **Qualquer comportamento, experiência, resultado ou resposta pode servir de recurso** – Bandler (1993) argumenta que todas as experiências vividas podem servir de recursos se forem contextualizadas e bem pontuadas, ou podem se tornar uma limitação.

Esse pressuposto, salienta a questão da modelagem na PNL, que de modo sucinto se refere a absorver toda a informação que interessa e dispensar o que é excessivo e não tem função.

Esses são alguns dos princípios norteadores da PNL, que podem ser muito bem empregados no contexto educacional. Contudo, a utilização desses pressupostos deve atentar para alguns aspectos, chamados níveis lógicos de aprendizagem.

Níveis Lógicos de Aprendizagem

A estrutura psicológica do ser humano é também conhecida como níveis lógicos e é composta por um sistema superior, identidade, valores e crenças, capacidades, comportamento e ambiente (contexto).

- **Sistema Superior** – é o que chamamos de Nível Espiritual/Sistema Maior, que representa a família, os amigos, a comunidade, o fato de fazermos parte de um grupo de trabalho, de sermos cidadãos num contexto político.

- **Identidade** – está relacionada ao papel desempenhado pela pessoa, sua missão, finalidade de vida e o próprio sentimento de si. Envolve basicamente o “quem somos”.

Está intimamente ligada ao que se chama de auto-estima e consciência de si como ser humano. Os esforços para comunicar-se ou ajudar

a mudança nesse nível afetam a autoimagem e os objetivos globais. (DILTS; EPSTEIN, 1999).

- **Crenças e Valores** – afetam diretamente a motivação do indivíduo e a permissão ao afetar as razões, os motivos que levam o estudante a fazer o que faz. De acordo com Dilts e Epstein (1999), as crenças e os valores dão o reforço que suportam ou inibem suas ações. Envolve o “por que”, respondendo mais especificamente à pergunta: “Por que eu faço isto?”. Esse nível responde à velha pergunta de nossos alunos “Por que eu devo aprender isto e para que serve?” ou ainda “Por que eu faço isto?”.

Outro aspecto importante desse nível, segundo Dilts e Epstein (1999), deve-se ao significado que o estudante, os pais ou os professores dão às notas baixas ou à falta de motivação. Quando atribuímos valor ou significado a uma nota, podemos ligá-la a qualquer um dos “níveis lógicos”. Muitas vezes, esse significado torna-se parte da imagem psicológica e da personalidade do estudante, sob a forma de crença limitante. Se a crença for negativa, a nota terá um efeito limitante no progresso e desenvolvimento do estudante, com sérios reflexos em toda sua vida futura, seja acadêmica ou profissional.

- **Capacidades** – mostram e orientam a direção das ações através de um plano ou estratégia. Trata-se de construção de mapas, técnicas, habilidades ou estratégias por meio das quais as ações são devidamente assumidas e operacionalizadas pelo aluno.

Para se ter certeza de intervir nesse nível, deve-se ficar atento às declarações do aluno. Uma indicação evidente para se trabalhar o nível de capacidade é quando o aluno afirma: “Eu não sei como aprender...”.

Normalmente, deixamos que a criatividade do estudante descubra o modo de realizar essas tarefas. As estratégias de aprendizado que muitos estudantes usam são ineficazes e enfadonhas. Essas estratégias têm como resultado notas baixas nos testes e no trabalhos escolares e, conseqüentemente, a grave falta de motivação e profunda frustração por parte dos próprios estudantes, seus pais e professores. (DILTS; EPSTEIN, 1999).

- **Comportamento** – relaciona-se ao tipo de conteúdo e às atividades específicas a serem executadas no processo de ensino e aprendizagem, os esforços para comunicarse ou provocar mudanças nesse nível afetam diretamente as ações específicas dentro de cada contexto. Os comportamentos são as ações específicas ou as reações de uma pessoa dentro do ambiente que se encontra.

Os comportamentos que não possuem um plano ou estratégias para orientá-los são como reações automáticas, hábitos ou rituais. No nível de capacidade, somos capazes de selecionar, alterar e adaptar uma classe de comportamento a um conjunto mais amplo de situações externas. Quando o estudante descreve suas dificuldades com a afirmação clássica de que “não sabe o que fazer” é a indicação evidente que se deve começar o trabalho pelo nível lógico de comportamento. (DILTS; EPSTEIN, 1999).

- **Ambiente** – os esforços de comunicação e aprendizagem afetam os limites externos dentro dos quais a pessoa tem que viver e reagir. Determina as oportunidades ou restrições externas que o educando deve levar em consideração, relacionando-se ao onde e quando da aprendizagem. Os fatores ambientais determinam também as obrigações externas em relação às quais o educando deve reagir. (DILTS; EPSTEIN, 1999).

Considerações Finais

No contexto educacional, tanto dentro quanto fora da sala de aula, a emergência de compreensão dos significados dessas evidências emitidas pelos alunos é providencial.

Em sala de aula, mais do que um método pedagógico, a PNL vem se apresentando como um eficaz instrumento de ajuda ao professor na construção do saber e na formação crítica, pois requer uma mudança de mentalidade e, conseqüentemente, mudança de postura diante do educando, que começa com a internalização de pressupostos, os quais provocarão uma revisão nos seus próprios níveis lógicos. Essa mudança oportuniza uma

completa reestruturação dos próprios valores e crenças a respeito da Educação e do papel do Educador.

Muitas vezes, o professor não se dá conta do cuidado necessário com a linguagem verbal e não-verbal na sala de aula, que pode acionar mecanismos poderosos no inconsciente de seus alunos, provocando estados e aprendizado ou à mudança pretendida.

No entanto, a PNL surge como um instrumento a ser utilizado de modo a proporcionar uma série de técnicas e reflexões no intuito de descobrir como se comunicar diretamente com seu próprio inconsciente, sem intermediários, e obter dele toda a atenção e cooperação que queira para mudar, melhorar, avançar e atingir picos de performance e excelência em todas as áreas da vida, inclusive na Educação.

REFERÊNCIAS

ANDREAS, Steve e FAULKNER, Charles. **PNL: a nova tecnologia do sucesso**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

BANDLER, Richard. **Usando sua mente: as coisas que você não sabe que não sabe**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

DEMO, Pedro. Pesquisa para Saber Pensar. **Revista de Educação AEC**. Brasília. n.133. 2004.

DILTS, Robert. **Sleight of Mouth: The Magic of Conversational Belief Change**. Cupertino, CA: Meta Publications, 1999.

DILTS, Robert e EPSTEIN, Todd. **Dynamic Learning**, Meta Publications, Capitola, 1995.

DILTS, Robert e EPSTEIN, Todd. **Aprendizagem Dinâmica**, São Paulo. Summus Editorial, 1999.

GRINDER, Michael. **Righting the Educational Conveyor Belt**. Portland, Oregon: Metamorphous Press, 1989.

SPRITZER, Nelson. **Manual de Treinamento**. Porto Alegre. Instituto Sul Brasileiro de PNL. 1994.